



MÊ KRÃ PEITI: ENSAIOS COM OS KYIKATÊJÊ

Autores: Juliana do Monte Gester; Sue Rivera Ikeda; Hiran de Moura Possas

E-mail: julianamgester@gmail.com

Palavras Chave: Kÿikatêjê; Livreto; Jornal; Memória; Documentário.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo mostrará dois projetos vinculados ao povo indígena Gavião Kÿikatêjê, originário da região de Tucuruí-PA e atualmente vive na Reserva Indígena (RI)/Terra Indígena (TI) Mãe Maria, na Aldeia Gavião Kÿikatêjê Amtatí, localizada no KM 25 da BR 222, no município de Bom Jesus do Tocantins, sudeste do Pará.

O encontro do povo Gavião com a cidade e seus afins sempre foi marcado com “perdas” e adaptações. Povos alijados sempre foram os que necessitaram reinventar e readaptar seus costumes. Com os Kÿikatêjê não foi diferente. A intensificação do contato desse grupo com os não-indígenas afetou diretamente sua língua materna e, desse modo, sua cultura.

Atualmente, o uso da língua portuguesa predomina no cotidiano e nas práticas desses personagens. Os mais velhos entendem sua primeira língua sucumbindo com o tempo, enquanto os mais novos crescem vendo a segunda língua como a de maior prestígio em detrimento da língua nativa. (SOARES; FARIAS, 2011). Segundo Sompré (2015, p. 1), “o português ensinado na escola Tatakti Kÿikatêjê é visto atualmente como um forte aliado nos interesses políticos, econômicos e nas negociações com grandes empresas [...], bem como meio de comunicação com a comunidade não-indígena”.

Desse modo, o Projeto de Extensão “Mito-poéticas Kÿikatêjê: repertórios culturais ‘tectônicos’ em ‘devir’ com a Educação Bilíngue” esteve atuante nesse encontro de alteridades. Dialogando com a comunidade, sempre tentando diminuir as relações assimétricas entre nós e o grupo indígena. Objetivou-se produzir material pedagógico bilíngue. Somando-se os esforços dos professores do projeto, os professores da aldeia e sua comunidade, ao final desse programa de extensão, fomos capazes de imprimir cartilhas com narrativas do povo.

O novo projeto, “DESEMBAÇANDO LENTES: Memórias Imagéticas K̀yikatêjê”, seria melhor descrito como uma continuidade da pesquisa, pois os laços com a comunidade estreitaram-se e novos projetos foram sonhados. Voltando-se agora um pouco mais para o lado da comunidade, planeja-se produzir vídeos para serem utilizados no ensino escolar, provocados pela crítica dos intelectuais da floresta às matérias e notícias encontradas em jornais antigos e atuais de Marabá.

2. METODOLOGIA

No primeiro momento do projeto, foram realizadas leituras com aportes referentes sobre o povo Gavião acompanhadas de realização de entrevistas, pensando-as como um ensaio próximo de uma relação igual.

As principais atividades do projeto atualmente estão voltadas para pesquisas em jornais publicados em Marabá. A princípio, objetivava-se começar a pesquisa na década de 70 e prosseguir até os dias atuais. Não obstante, o acervo da Fundação Casa da Cultura de Marabá permitiu uma procura bem anterior. Neste acervo, a pesquisa centrou-se em dois periódicos antigos da região: O Marabá, que circulou entre os anos de 64 e 86; e A Safra, jornal de vida curta (apenas dos anos 48 a 52), mas que teve grande importância para a cidade. O acervo da Fundação Casa da Cultura de Marabá possui todos os jornais digitalizados, facilitando muito a busca e o armazenamento das matérias e fotos encontradas.

Essa constituiu a primeira fase da pesquisa, a segunda agora centra-se no acervo do jornal Correio do Tocantins. As publicações datam de 1983 e vão até os dias de hoje. As notícias encontradas estão alimentando o arquivo da pesquisa.

A maioria do material encontrado apresenta valor etnocêntrico em uma análise inicial. Essas notas serão levadas à comunidade K̀yikatêjê e seus conteúdos “colocados em cheque”, para que os protagonistas do projeto possam dar sua tradução do que foi colocado em cada notícia. O resultado dessas discussões será transformado em minidocumentários em vídeo, a fim de serem usados didaticamente.

3. RESULTADOS

A Escola Indígena de Ensino Fundamental e Médio Tatakti K̀yikatêjê existe desde 2001 e passou por várias etapas, onde inicialmente funcionava em um acampamento, depois como anexo da Escola Estadual de Ensino Fundamental Raulindo Brito, no município de Bom Jesus, ofertando somente a educação básica. Em 2006 o prédio da escola começou a ser construído na aldeia, e somente em 2014 foi reconhecida como Escola Indígena. Para Sompré (2015, p. 2),

Os professores indígenas na sua maioria não possuem instrução formal, mas são detentores dos saberes tradicionais. O ensino promovido por eles tem uma importância muito grande porque é mais um meio de passar os conhecimentos da cultura e sua importância para o despertar deste leque de conhecimentos culturais, vivenciar estas experiências socioculturais para que elas se perpetuem nas futuras gerações e que a língua comece a se fortalecer e a ser praticada no cotidiano da comunidade K̀yikatchê.

Resultado de um diálogo de aproximadamente dois anos com o povo K̀yikatchê, o livreto foi composto a partir dos ensinamentos dos professores K̀yikatchê, estes repassados ora individualmente, ora no coletivo. Nesse sentido, não é preciso destacar que a construção de um consenso entre os falantes acerca da pronúncia, tradução e inscrição durante o curso do projeto levou indígenas e pesquisadores lograrem, em determinados momentos, de traduções livres. Esperamos que o uso do livreto, nas práticas de ensino-aprendizagem, problematize e recrie outros caminhos para o que denominam de “Ser K̀yikatchê”, o que resultará, sem sombra de dúvida, na reelaboração crítica dos sentidos do livreto. Se assim for, o referido projeto terá alcançado seus objetivos, dentre os quais, o desafio de tentar sincronizar vozes, sejam elas pelos tempos, espaços, discursos e tensões desses encontros. Uma experiência por outros pensamentos revendo o nosso próprio.

Como ação coletiva e cruzada, o projeto descreveu e problematizou parte de uma matriz cultural indígena espoliada, realizando ações na UNIFESSPA e na aldeia, contando com a participação dos pesquisadores, bolsistas e, acima de tudo, dos professores bilíngues K̀yikatchê Ajanã, Junuré Anjipeiti, Prekrôre, Amijikrore Jokahyti, Pempti Jokahyti Kokaproti; Rikparti, assim como a liderança K̀yikatchê de Pepkrakte Jakukreikapeiti Ronore Konxarti (Zeca Gavião), além da confiança investida por Concita Sompré.

4. CONCLUSÃO

Os projetos “Mito-poéticas K̀yikatchê: repertórios culturais ‘tectônicos’ em ‘devir’ com a Educação Bilíngue” e “DESEMBAÇANDO LENTES: Memórias Imagéticas K̀yikatchê”, permitiu aos seus integrantes, mais do que a simples realização de um trabalho de pesquisa. As relações desenvolvidas com o povo K̀yikatchê apresentou vivências, práticas, conhecimento cultural, além de proporcionar uma desconstrução de um conhecimento extremamente ocidentalizado e eurocêntrico tão engessado em nossa sociedade. No fluxo dessas relações, onde são trazidas à superfície histórias contadas por seus protagonistas, os registros escritos e visuais reunidos pelo projeto, serão mais que mera leitura da cultura K̀yikatchê, mas a

possibilidade de reconhecer como funcionam os mecanismos que regem o cotidiano e a tradição reinventada dos povos da floresta.

REFERÊNCIAS

POSSAS, Hiran de Moura; DA COSTA, Lucivaldo Silva; SANTOS, Edimara Ferreira; SILVA, Jerônimo da Silva; BARBOZA, Tereza Maracaípe. (Orgs). **MÊ KRÃ PEITI: Memórias K̀yikatêjê**. Programa Institucional de Bolsas de Extensão 2015/2016. Marabá: Editora DNA, 2016. 24 p.

SOARES, E. P. M; FARIAS, C. G. Notas sobre a situação sociolinguística da Aldeia Indígena Kyikatêjê Amtàtí. In: Ana Suelly Cabral; Ryon Rodrigues. (Org.). **VII Encontro Macro Jê. Brasília**: Editora da UNB, 2011, v. 2, p. 311-326.

SOMPRÉ, Concita Guaxipiguara; HARAXARE, Hakakwyi Lima. **Ensaio Sociolinguístico da Aldeia K̀yikatêjê**. 2015.